

HENRI: A CRUELDADE NO CONTO DE RUBEM FONSECA

HENRI: THE CRUELTY IN THE RUBEM FONSECA'S TALE

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges⁸⁴

Leandro Faria de Souza⁸⁵

RESUMO: Este trabalho pretende analisar o conto *Henri*, publicado por Rubem Fonseca em sua antologia “Os Prisioneiros”, de 1963. O objetivo geral da pesquisa é trabalhar com a literatura intitulada brutalista, e que está relacionada ao cruel, à violência. Os objetivos principais deste trabalho são, em primeiro lugar, identificar se há os elementos que compõe a literatura supracitada, em segundo plano, é analisar os elementos que caracterizam a crueldade no conto de Rubem Fonseca. A crueldade, a violência, e até o demoníaco são elementos de uma literatura que possui muito a ser analisado e, claro, pesquisado, este tipo de literatura permite que o leitor enxergue algo que, em termos, está quase sempre nas sombras ou que compõe a periferia em sentido amplo. A crueldade e a violência são elementos de uma literatura que atinge, diretamente, o íntimo do leitor, transportando o mesmo para uma situação de leitura que desperta o desconforto, porém, propicia uma nova perspectiva de enxergar a literatura com menos inocência do que se pressupõe que ele possua. Para tal investigação foram utilizados os seguintes teóricos: Ângela Maria Dias e Paula Glenadel (2004), Jaime Guinzburg (2012), Ronaldo Lima Lins (1990), Georges Bataille (2015), Joel Birman (2009), entre outros que estudam esta vertente da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Crueldade; Brutalidade; Rubem Fonseca;

ABSTRACT: This work intends to analyze the *Henri* story, published by Rubem Fonseca in his anthology “The Prisoners”, of 1963. The general objective of the research is to work with the literature called brutalist, and that is related to cruel, to violence. The main objectives of this work are, first of all, to identify if there are elements that compose the aforementioned literature, in the background, is to analyze the elements that characterize the cruelty in the story of Rubem Fonseca. Cruelty, violence and even the demonic are elements of a literature that has much to be analyzed and, of course, researched, this type of literature allows the reader to see something that in terms, is almost always in the shadows or that composes the periphery in the broad sense. Cruelty and violence are elements of a literature that directly

⁸⁴ Doutorando em Literatura na Universidade de Brasília – Brasil. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. E-mail: igoralexandre@hotmail.com

⁸⁵ Graduando em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. E-mail: leandrolelo1@hotmail.com

affects the reader's intimacy, transporting it to a situation of reading that arouses discomfort, but provides a new perspective of seeing literature less innocently than it is assumed he owns. For this investigation the following theorists were used: Ângela Maria Dias e Paula Glenadel (2004), Jaime Guinzburg (2012), Ronaldo Lima Lins (1990), Georges Bataille (2015), Joel Birman (2009), among others who study this strand of literature.

KEYWORDS: Literature; Cruelty; Brutality; Rubem Fonseca;

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura “brutalista” de Rubem Fonseca, assim denominada por Alfredo Bosi (2002), em 1975, apresenta em meio a suas características, uma intensa manifestação da crueldade em suas variadas formas. Seja pela representação das personagens e suas ações quanto ao modo com que o autor constrói as relações entre elas ou, ainda, na estrutura e linguagem empregadas nas narrativas. Em sua obra de estreia, “Os Prisioneiros”, Rubem Fonseca constrói situações nas quais é possível identificar, numa primeira leitura, a presença deste elemento cruel, pensado, principalmente, no que concerne a estética da crueldade.

No conto *Henri*, que compõe a obra supracitada, pode-se identificar elementos, como, por exemplo, a violência nas ações das personagens, o sadismo explicitado nos jogos de sedução e, também, a forma crua e destituída de adereços ou rebuscamentos com que Rubem Fonseca descreve tais situações. Este artigo não pretende discutir as motivações por trás das ações cruéis, mas sim, as formas escolhidas para sua representação. Neste sentido, é necessário compreender algumas das diversas facetas da crueldade, por meio de abordagens estéticas já construídas sobre este tema e, em seguida, identificá-las no conto. Assim, dentro do corpo da pesquisa, este se torna o contexto para a busca da crueldade em seu *habitat* natural.

A obra brutalista de Rubem Fonseca apresenta características específicas e determinantes deste estilo. Dentre estes componentes está à crueldade que, por vezes, é tida como – violência sádica, como aponta Ângela Maria Dias e Paula Glenadiel (2004), e que pode ser resultante de algum

desarranjo social ou consequência de um desenvolvimento urbano acelerado. Entretanto, esta crueldade vai além das ações ou discursos violentos, como, por exemplo, na obra “O Legado da Família Winshaw”, [1994] de Jonathan Coe, e representada também em formas menos explícitas. Assim, salta-nos aos olhos a seguinte inquietação: seria possível identificar as variadas formas de representação desta crueldade no conto *Henri*, publicado por Rubem Fonseca em seu primeiro livro, “Os Prisioneiros”, de 1963?

As hipóteses pensadas para edulcorar a pergunta mencionada são: em primeiro lugar, a crueldade no conto *Henri*, de Rubem Fonseca, reside exatamente nos recursos utilizados pelo autor, para construir a ambiguidade e a dúvida presentes na obra, além de estar presente do modo explícito em ações realizadas pelo protagonista da trama. Em segundo lugar, enxerga-se que, o modo como Rubem Fonseca apresenta cruamente suas narrativas, como se retirasse qualquer superficialidade do texto, deixando expostos seus meandros, também constitui um efeito de crueldade.

Ao se pensar nas hipóteses supracitadas, os objetivos da pesquisa se tornam os seguintes: o objetivo geral é analisar o conto *Henri*, de Rubem Fonseca, para identificar a presença de elementos da crueldade dentro do conto. No que concerne os objetivos específicos, o primeiro é identificar as principais características da literatura brutalista, assim intitulada por Bosi, em 1975. E, em segundo plano, analisar e destacar os elementos que contribuam para a construção de um efeito estético de crueldade na obra, como também, que comprovem a existência desta estética da crueldade no âmago do conto.

A literatura brutalista de Rubem Fonseca marca o início de sua produção literária, na década de 1960, sendo citada como referência por aqueles que se dedicam à investigação das produções contemporâneas e, também, por aqueles que buscam compreender os elementos da violência e da crueldade [como também, da brutalidade em sentido amplo] na literatura brasileira. Assim, com

o intuito de estreitar o olhar sobre este estilo literário tão peculiar, propõe-se, aqui, uma análise da crueldade enquanto constituinte do conto *Henri*, que integra a obra “Os Prisioneiros”, publicada por Rubem no ano de 1963.

O fato mencionado serve para alargar o campo de pesquisa relacionado a este tipo de literatura, que possui tantas peculiaridades e merecem serem estudadas. Sem contar, claro, que ao passo que se contribui para o aumento da pesquisa acadêmica, o trabalho possui uma justificativa por ele mesmo. Esta pesquisa não possui o intuito pensar num esgotamento do que concerne a temática mencionada, mas procurou-se uma continuidade com estudos futuros relacionados a este tipo de temática, que em muito apetece o nosso gosto literário.

2. RUBEM FONSECA E “OS PRISIONEIROS”

Rubem Fonseca nasceu em Juiz de Fora/Minas Gerais, em 1925. Estudou direito na Universidade do Brasil e concluiu seu mestrado em administração pela New York University. Trabalhou como escrivão de polícia no subúrbio carioca e, posteriormente, como executivo na empresa Light, também na capital fluminense.

Sua carreira literária teve início em 1963, com a publicação de “Os Prisioneiros”, antologia de contos, seguida por “A Coleira do Cão”, 1965 e “Lúcia McCartney”, 1967, ambas seguindo o mesmo gênero. Seu primeiro romance, “O Caso Morel”, foi publicado em 1973, dando início a uma sucessão de obras nas quais transita entre o conto, o romance e o roteiro. “Feliz Ano Novo”, 1975, “A Grande Arte”, 1983, “Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos”, 1988, “Agosto”, 1990, “O Selvagem da Ópera”, 1994, “O Doente Molière”, 2000, são algumas das publicações deste profícuo escritor.

Precursor de um estilo literário, o “brutalismo”, Rubem Fonseca tornou-se, ainda, principal expoente da literatura policial brasileira, influenciado por

autores como o britânico *Sir Artur Conan Doyle*, e pela literatura policial norte-americana. Alguns tipos de personagens recorrentemente ligados à investigação criminal, como, por exemplo, detetives particulares, delegados, investigadores, advogados e, ainda, escritores povoam suas narrativas. Fernanda Cardoso, em seu artigo “Rubem Fonseca: violento, erótico e, sobretudo, solitário”, publicado no site do Instituto de Estudos Literários da UNICAMP/SP, aponta para estas características aos citar os principais tipos de personagens criados pelo autor.

Rubem Fonseca teve suas obras censuradas durante o período da ditadura militar, por seu conteúdo ser considerado como ofensivo à moral, pornográfico e incitador de violência. O autor utilizava-se da estrutura policialesca na qual, parafraseando as palavras de Fernanda Cardoso, existe amiudadamente um crime/mistério a ser, ou que precisa ser desvendado, para expor as angústias da alma humana e o lado obscuro e marginal da sociedade metropolitana que se desenvolvia a passos largos na segunda metade do século XX. Para Alfredo Bosi, “A violência burguesa combinada, estrategicamente, com o seu oposto e correlato simétrico, os bas-fonds grã-finos, fala pelas narrativas de Rubem Fonseca” (BOSI, 1992, pag. 343).

2.1. “Os Prisioneiros”

Publicado em 1963, “Os Prisioneiros” consiste de uma antologia de contos, onze no total, por meio dos quais o autor surpreende pela originalidade, tanto na estrutura narrativa, quanto pela temática abordada e pelo estilo inovador. Ele apresenta algumas das características do estilo brutalista, que foram assim definidas por Alfredo Bosi (2002, p. 18): “A dicção que se faz no interior desse mundo é rápida, às vezes compulsiva; impura, se não obscena; direta, tocando o gestual; dissonante, quase ruído”.

Esta descrição de Bosi pode ser identificada já no primeiro parágrafo do

conto de abertura, “Fevereiro ou Março”, deixando evidente o “cartão de visitas” literário de Rubem Fonseca:

A condessa Bernstroa usava uma boina onde dependurava uma medalha do kaiser. Era uma velha, mas podia dizer que era uma mulher nova e dizia. Dizia: põe a mão aqui no meu peito e vê como é duro. E o peito era duro, mais duro que os das meninas que eu conhecia. Vê minha perna, dizia ela, como é dura. Era uma perna redonda e forte, com dois costureiros salientes e sólidos. Um verdadeiro mistério. Me explica esse mistério, perguntava eu, bêbado e agressivo. Esgrima, explicava a condessa, fiz parte da equipe olímpica austríaca de esgrima — mas eu sabia que ela mentia (FONSECA. 2009. p. 08).

Personagens inspiradas pela população suburbana, decadente e marginal carioca protagonizam as situações narradas e vão, sucessivamente, compondo os quadros, sob o olhar irônico e crítico do autor. Rubem segue introduzindo suas inovações ao longo dos contos, alternando as vozes dos discursos, que variam entre discurso direto, indireto e indireto livre, assim, intensificando a urgência ou o imediatismo das ações.

O conto *Henri*, objeto central desta análise, apresenta o encontro de dois personagens de meia idade e cuja relação, aparentemente, romântica entre *Henri* e Madame Pascal, desemboca em um inesperado e cruel desfecho. A trama, narrada em terceira pessoa, atém-se majoritariamente às impressões de Henri, citando, apenas eventualmente, algum tipo de subjetividade da Madame. Situada em solo francês, sob domínio alemão, a história se realiza em um curto espaço de tempo que, embora não determinado, pode ser deduzido pela urgência com que as ações do protagonista são apresentadas.

3. A CRUELDADE E A VIOLÊNCIA

O livro, “Estéticas da Crueldade”, organizado por Ângela Maria Dias e

Paula Glenadel nos oferece uma coletânea de artigos apresentados em um seminário sobre este tema, realizado no Instituto de Letras da UFF, em 2003. Dentre os textos constituintes desta obra encontram-se propostas de reflexão sobre a crueldade representada na literatura brasileira e, de modo comparativo, em outros tipos de expressão artística como cinema e artes plásticas, em sua maioria, e com algumas referências também ao teatro de Antonin Artaud, conhecido mundialmente como: “Teatro da Crueldade”.

Alguns destes artigos foram selecionados de acordo com sua abordagem do tema, de modo a servir como referência para esta análise do conto brutalista *Henri*, publicado em 1963, por Rubem Fonseca, em sua antologia de contos “Os Prisioneiros”. Bem como também são utilizados conceitos propostos pelas organizadoras na apresentação da obra.

“Crueldade vem do latim *cruor*, palavra que significava – tirar sangue”, “expor a carne crua sob a pele”. Um limite – a pele – é rompido, uma anormalidade é exacerbada, uma dor que foge ao tolerável aparece. Graus na exposição da carne ensanguentada dão a sua medida. Quando, sem sangue, metaforizada, a crueldade invade os domínios da alma, dos afetos, da moral, nos quais a violência é também inevitável, ela se exprime quase sempre por formas que juntam a cumplicidade à dissimulação (SANTOS. 2004. p.41).

É assim que Jair Ferreira dos Santos define as manifestações da crueldade ao analisar a literatura contemporânea voltada a este tema. Ao fazer tal afirmação, Jair Ferreira dos Santos considera as variadas modalidades e intensidades que a crueldade traz em si, em seu bojo expressivo, e abre caminho para a reflexão sobre a arbitrariedade de um escritor, que se envereda por este viés, ao apresentá-la deste ou daquele tipo e, ainda, nesta ou naquela intensidade.

Jair Ferreira do Santos discorre, em seguida, sobre a relação – homem x

animal – na qual tende-se a rebaixar o homem à condição de bicho para naturalizar seus atos de crueldade, embora saiba-se que esta característica do “cruel” não pertence ao reino animal, apesar de sua violência. É o lado animalesco aliado à racionalidade que permite ao homem realizar ações de extrema violência e por consequência – cruéis. Para ele “a crueldade é assim a violência mais alguma coisa, um abuso sem nome introduzindo um gozo que todos fingimos desconhecer” (SANTOS, 2004, p. 41).

Já a crueldade como “princípio estruturador” nas narrativas de Rubem Fonseca é apontado por Vera Lúcia Follain de Figueiredo, em seu artigo “Sedução e crueldade” (2004). Intimamente ligada à ironia, à dubiedade e ao “estranhamento do real”, a crueldade se estabelece por suas personagens serem cínicas, maquiavélicas ou, quiçá, de esperteza acima da média. Esta tônica de ambiguidade é geradora desta característica. A autora do artigo “Sedução e Crueldade” (2004) afirma que, “cruel seria, então, sobretudo, o que desestabiliza as certezas. É o dúbio, o ambíguo – por isso a ironia é cruel, porque joga com o duplo sentido” (FIGUEIREDO, 2004, p.170).

Vera Lúcia Follain de Figueiredo apresenta, em sua análise da obra do escritor brutalista, alguns traços de personalidade ou qualidade de ações das personagens cuja presença do elemento cruel é evidente. Segundo a autora, “nada é mais cruel que o acaso” (FIGUEIREDO, 2004, p.171) e a literatura de Rubem Fonseca não necessita de sangue, para tornar suas narrativas cruéis. Ainda sobre a obra deste autor, Figueiredo a considera “antiplatônica por natureza”, e afirma:

[...] a literatura de Rubem Fonseca alimenta-se com prazer dos deslizamentos entre o real e o imaginário, entre o falso e o verdadeiro, apontando para a indiscernibilidade desses campos. O autor assume a crueldade da incerteza como princípio estruturador de sua ficção, evocando a tradição dos artistas malditos que, por não levarem a sério as ilusões de seu tempo, tiram proveito da troca de máscaras, das aparências dissimuladoras, como estratégia de sedução que realiza no próprio jogo com as palavras na superfície do

texto (Ibidem, 2004, p. 170).

Complementando o mosaico de possibilidades para a abordagem da crueldade, serão utilizadas, ainda, as referências propostas por Renato Cordeiro Gomes, em seu artigo “Narrativa e Paroxismo”, quando este recorre ao manifesto do teatrólogo Antonin Artaud, *Le Théâtre de la cruauté* (1972), para discorrer sobre um tipo de representação não mimético da realidade. Sobre as teorias artaudianas, Renato Gomes afirma:

O apelo às dissonâncias, a exemplo da desproporção e do exagero, é um recurso de que se lança mão para atingir esse propósito. A escolha de um dado realista, em seguida exacerbação desse dado até a completa descaracterização, assegura a recusa violenta do mimetismo (GOMES, 2004, p. 144).

É a partir deste referencial que Renato Cordeiro Gomes inicia suas observações acerca do paroxismo recorrente nas obras contemporâneas, que buscam a representação do real pelo exagero das características deste. Opondo-se a esta linguagem exacerbada estaria, segundo Gomes (2004), a opção pela síntese e pela economia textual proposta por Rubem Fonseca ao representar a crueldade em sua obra. Gomes ressalta a forma como o escritor “revela indiretamente a violência”.

Para ele, Rubem Fonseca define, em seu conto “Intestino Grosso”, de 1975, por meio das palavras de um personagem/autor, o que Gomes (2004, p. 144) chamará de “manifesto dessa tomada de posição”, a respeito dos modos de representação deste tema. Sobre este posicionamento de Rubem Fonseca, o autor diz:

A crueldade estaria então no modo de estar em linguagem e não especificamente no tema, ou na realidade a que remete. Estaria, assim, mais na enunciação, expressa pelo explícito, não abrindo espaço a comentários moralizantes, edificantes, ou religiosos. Não cabe aí metafísica, como não cabe uma verdade absoluta. (2004, p. 145)

Realizar uma leitura analítica da obra de Rubem Fonseca requer, aos iniciantes da crítica literária, a utilização de variadas referências teóricas, seja para compreensão do objeto em si, da crueldade como componente estrutural ou, ainda, para vislumbrar possíveis relações entre obra e a sociedade à qual se refere. Assim, tem-se em Alfredo Bosi o norteador para um primeiro contato com a literatura brutalista. Bosi refere-se a esta corrente literária de seguinte forma:

Essa literatura, que respira fundo a poluição existencial do capitalismo avançado, de que é ambigualmente secreção e contraveneno, segue de perto modos de pensar e de dizer da crônica grotesca e do novo jornalismo yankee. Daí os seus aspectos antiliterários que se querem, até, populares, mas que não sobrevivem fora de um sistema de atitudes que sela, hoje, a burguesia culta internacional (BOSI, 2002, p. 18).

Visto que Bosi recorre à influência do contexto sobre a escrita de Rubem Fonseca ao construir sua fala sobre o brutalismo, interessa, nesta acepção, compreender de que modo esta relação entre meio e obra pode ser observada. Assim, procurou-se considerar o conceito proposto por Antonio Candido, em seu livro “Literatura e Sociedade” (2006), ao afirmar que a real relevância da análise textual pelo viés social está em como este influencia na estrutura interna da obra. Candido diz:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar

nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2006, p. 13/14).

Portanto, deve-se tentar compreender em que medida este elemento de crueldade interfere na construção do conto *Henri*, de Rubem Fonseca. Vale citar, para breve contextualização, algumas das circunstâncias gerais enfrentadas no dia a dia do brasileiro na década de 1960, como o intenso desenvolvimento das metrópoles, governo ditatorial, invasão cultural norte-americana e outras. O que interessa, então, é se há influência destas angustias sociais sobre a estrutura da escrita do autor e em que medida isto ocorre.

4. O PERVERSO E CRUEL: HENRI

O conto *Henri*, de Rubem Fonseca, apresenta uma linguagem dinâmica, sucinta e crua. A história situa-se na França e, do título às referências citadas e nomes de personagens, percebe-se a recorrente afirmação deste fato. O narrador parece estar observando a ação de uma posição tão próxima quanto um *close* de cinema ou da primeira fileira de uma encenação teatral, naquele momento em que o foco estreita-se a pino em uma ação, como vemos no trecho: “No quadrado do espelho sua mão surgiu, longa, branca, forte e meticulosamente limpa, acariciando sua barba negra.” (FONSECA, 2009, p. 29). Há sugestão de nuances entre luz e sombras, como na passagem: “Virando um pouco a cabeça, por um efeito ótico, os fios de barba brilhavam como se tivessem luz própria” (FONSECA, 2009, p. 29) denotando que se pode enxergar ou não algum objeto, de acordo com o ponto de visão.

Os personagens são pessoas comuns com sua dose de individualidade delineadas pelas descrições do autor. As primeiras palavras do conto são três adjetivos que descrevem a personagem principal, “simples”, “sóbrio”, “tranquilo”, sintetizando ao extremo a linguagem; Henri será revelado aos poucos, ao longo da narrativa.

É em um contexto de ambiguidades que se insere *Henri*, personagem central que dá nome ao conto. As primeiras imagens construídas pelo narrador são de um homem distinto que se prepara para um encontro [profissional] e revelam o caráter vaidoso deste ser, que parece realizado em suas ambições, como podemos ver em:

[...] olhos de um homem honesto; boca de um homem sensível, um intelectual talvez; educado, respeitável e pontual. No quadrado do espelho sua mão surgiu, longa, branca, forte e meticulosamente limpa, acariciando sua barba negra. Virando um pouco a cabeça, por um efeito ótico, os fios de barba brilhavam como se tivessem luz própria; isso ele fez, várias vezes, ficando quase de perfil, tendo que esquivar bem os olhos até que eles começassem a doer (FONSECA, 2009, p. 29).

Está posta desde o início a humanidade de *Henri*; sua credibilidade social é determinada por adjetivos como “educado”, “respeitável” e “olhos de um homem honesto”. Esta caracterização inicial é fundamental para suscitar empatia ao leitor, pois, é pelo ponto de vista do protagonista que se acompanhará sua trajetória.

Entretanto, esta identificação é logo colocada em xeque quando *Henri* revela sua opinião sobre a beleza feminina. Ele afirma: “Pela manhã as mulheres são uns trapos, feias, repulsivas, amassadas pela noite, fétidas” (FONSECA, 2009, p. 29). A franqueza crua do personagem gera no leitor um leve desconforto, o incômodo desconfiado; a sequência da narrativa instaura o caráter paradoxal no conto, ao revelar o autoquestionamento de *Henri*: “Pensa:

estarei sendo injusto em minha crítica? Ele sempre se julgara um homem correto...” (FONSECA, 2009, p. 29).

Já Madame Pascal, antagonista da trama, é apresentada superficialmente, pela passagem à seguir: “Abre-se a porta. Deve ter quarenta e nove anos, talvez cinquenta; faz os próprios vestidos; vê-se que é uma mulher só, e desconfiada de todo mundo...” (FONSECA, 2009, p. 30). Assim, introduzida esta personagem, em poucas palavras que a definem para o leitor, quase sem tridimensionalidade.

Porém, *Henri* é um conto de ambiguidades sutis e, logo, de crueldade e medo também sutis. Esta dualidade está presente em quase todas as citações referentes ao personagem título, como revela este trecho: “suas mãos fortes acariciaram o livro demoradamente; depois colocaram-no de encontro ao peito e Henri sentiu qualquer coisa de místico dentro dele: apertou o livro com força, sentindo sua capa dura; fechou os olhos” (FONSECA, 2009, p. 29). Apertar o livro com força sugere o contraste entre o físico e o intelectual, entre o corpo e a mente.

Henri parece preparar-se intensamente para ser o mais eficaz possível naquilo que intenta realizar. Meticuloso e detalhista, seus pensamentos sugerem seu domínio da retórica e sua utilização desta como ferramenta de poder sobre o outro, revelando traços de crueldade, como revela o seguinte trecho:

Sentou-se na poltrona, puxando as calças cuidadosamente a fim de preservar-lhes o vinco. A sua experiência (sua vasta experiência) e a leitura de Pascal levavam-no sempre a pensar em duas avenidas através das quais a crença podia ser comunicada: o entendimento e a vontade do ouvinte. O entendimento é o caminho mais natural, a vontade é o mais usual (FONSECA, 2009, p. 29).

O personagem regozija-se ao lembrar histórias vividas, suas conquistas sobre outras mulheres, como no caso de Madame Cuchet, e a excitação intelectual que sua relação com ela lhe propiciou. Neste caso, especificamente, o leitor tem apenas indícios de como poderia ter sido tal encontro e mesmo qual seria sua natureza. A narrativa segue sem revelar a verdadeira natureza da relação entre *Henri* e Madame Pascal.

Exceto pelo fato sabido de que ele a visitara com o pretexto de comprar-lhe alguns móveis anunciados para a venda. O que se percebe nos momentos de reflexão de *Henri* é sua atitude dissimulada para com mulheres com as mesmas características de Madame. Fica evidente, na passagem a seguir, que sua abordagem galante é apenas um disfarce para suas segundas intenções: “era preciso solucionar o caso Pascal rapidamente; não seria seu melhor desempenho, pois o caso de madame Buisson, aquela mulher calva que usava peruca, tinha sido solucionado em menos tempo ainda.” (FONSECA, 2009, p. 32).

Encantador por sua sensibilidade, o protagonista revela-se conhecedor de arte e literatura, crédulo em Deus e, preocupado com os sentimentos de sua antagonista. Ele demonstra um variado repertório intelectual em passagens como esta: “*Henri* fala de flores, elas são uma dádiva de Deus. Fala de música, e de Mozart e Debussy. Música e flores são a sua paixão na vida. Um verdadeiro cavalheiro, pensa madame Pascal” (FONSECA, 2009, p. 30) Estas dualidades reforçam o caráter cruel de ações que ele em breve realizará, parafraseando as palavras de madame Pascal, um verdadeiro “*Chevalier*”, porém, *de la cruauté*⁸⁶.

A dicotomia perdura ao longo de quase toda a narrativa. “Quase”, pois, seu desfecho quebra esta sequência ao explicitar o horror na ação letal cometida por *Henri*. A ação em si não surpreende o que horroriza é a naturalização do ato e a realização do prazer sexual pelo protagonista ao desfrutar de seus

⁸⁶ Cavaleiro da crueldade.

desdobramentos. Como no trecho seguinte:

A vida era uma coisa imensa, grandiosa, a maior de todas as forças, e isso ele havia destruído, naquele momento, com suas próprias mãos. Ele, Henri. Deus dava e tirava a vida? Ele, Henri, se quisesse podia fazer a morte. Assim, ele olhava, cuidadoso e ávido, os seus sinais aparecerem no corpo de madame Pascal (FONSECA, 2009, p. 33).

Na reta final da narrativa, o autor abandona definitivamente a sutileza com que conduz suas “estratégias de sedução” apontadas por Vera Lúcia Follain de Figueiredo (2004) e se aproxima daquela crueldade citada por Jair Ferreira dos Santos (2004), em que os “graus na exposição da carne ensanguentada dão a sua medida.” Como se Rubem Fonseca nos apresentasse as variadas qualidades da crueldade dentro um único recipiente. *Henri* revela-se, finalmente, como um personagem sádico e cruel:

A morte devorava a vida lentamente, pensou Henri. Primeiro o corpo se imobilizava, a consciência se perdia (madame Pascal! chamou ele duas vezes, madame Pascal!), suspendia-se a respiração e os batimentos do coração. Já era noite e o corpo de madame Pascal estava frio, o suor frio de sua pele cessara, seu corpo começava a endurecer. Era chegado o momento de ele interpretar o seu papel de nigromante. Com madame Cuchet ele esperara mais tempo, até que a sua pele quando tocada tivesse algo de pergaminho e uma estranha mancha verde surgisse na sua barriga murcha. Uma mancha verde, que ele não esperou que surgisse (era algo de raro!) na barriga de madame Pascal, pois de facão e machado começou a esquartejar o seu corpo com uma segurança de mestre (FONSECA, 2009, p. 33).

Pode-se relacionar, ainda, esta explicitação um tanto exacerbada e desprovida de julgamentos ao que Renato Cordeiro Gomes aponta em seu artigo “crueldade e paroxismos”, sobre a linguagem que “não abre espaço para comentários moralizantes, edificantes ou religiosos”. A ação é cruamente exposta por Rubem Fonseca, que com ela finaliza o conto, deixando a crueldade de *Henri* como última imagem narrada.

Percebe-se no conto a imprevisibilidade das atitudes humanas, a crueldade inerente à espécie que seduz e ludibria, de modo a satisfazer seus desejos. E estas vontades podem ser reflexo do meio instável e opressor em que se insere. *Henri* se aproveita da vulnerabilidade de Madame, como o faz uma sociedade voraz em relação aos indivíduos que a constituem. Logo, a estrutura composta por Rubem Fonseca reflete internamente aquela em que se dava a interação entre a sociedade urbana dos anos de 1960 e o indivíduo, de opressão e incerteza. Neste sentido, França salienta algo interessante para este contexto, ele afirma que,

A literatura do medo no Brasil é alimentada por causas naturais, sobretudo por temores relacionados à imprevisibilidade do “Outro”, a violência e a crueldade irracionalmente naturais do ser humano, fonte constante de um mal ainda mais terrível por sua aleatoriedade. Sendo assim, parece razoável afirmar que os centros urbanos modernos, aglomerados humanos nunca vistos na história do homem, passaram a ser os principais ambientes geradores do medo (FRANÇA, 2013, p. 70).

Ao se pensar na relação da ambiguidade e a dúvida, observa-se que elas geravam, por consequência, os efeitos de crueldade e medo. Birman afirma que:

Não é um caso, certamente, que tenha sido apenas na modernidade que a crueldade assumiu uma evidente dimensão de positividade para a condição humana, não podendo mais ser descartada de maneira ambígua, em uma espécie de terra de ninguém, como ocorria ainda no pensamento da Antiguidade. Nesta, com efeito, a crueldade era concebida como uma característica do homem e não do animal. (BIRMAN, 2009, p.134)

Em outras palavras, *Henri* possui em seu íntimo esta característica. Este

olhar animalesco que este personagem possui é algo interessante ao se pensar nesta analogia na qual a crueldade é algo que orbita a figura humana, e não a figura animal, mesmo levando-se em consideração o homem enquanto animal. Ele é o único que possui tais pretensões e consegue ser tão vil e cruel como nenhum outro animal consegue.

No caso de *Henri*, a forma com que ele enxerga a figura feminina, a forma com que ele se posiciona dentro da sociedade, a forma astuta com que ele pensa algo que beira o macabro/demoníaco. É possível perceber que ele age de forma predatória. Isso é constatado no final do conto pela forma cruel com a qual ele mata Madame Pascal. Os pensamentos requintados de *Henri* estão em sua grande maioria relacionados à forma cruel com que ele consegue agir sem sentir, diretamente, a ideia do que poderia ser chamado de remorso. Na parte em que ele carrega Madame Pascal e a coloca na mesa,

Verificou satisfeito que não houvera emissão de fezes ou de urina: a roupa íntima de madame Pascal estava limpa (até certo ponto). Henri contemplou fascinado a morte no corpo nu de madame Pascal. O rosto: petéquias disseminadas por quase toda a face, constituindo um pontilhado escarlatiforme sobre a pele pálida, cianosada; os olhos congestionados; as narinas apresentando uma espuma sanguinolenta; a língua projetando-se entre os dentes (FONSECA, 2009, p. 33).

Percebe-se neste trecho a satisfação e não a repulsa pelo ato que havia cometido, visto que *Henri* verifica satisfeito, que Madame Pascal estava limpa até certo ponto. É interessante pensar, que até o momento que Madame Pascal estava receosa em abrir a porta para um desconhecido, de certo modo, ela estava resguardada da perversidade que *Henri* derramaria sobre ela. Neste sentido destaca-se a fala de Roudinesco que afirma que,

[...] embora vivamos num mundo em que a ciência ocupou o lugar da autoridade divina, o corpo o da alma, e o desvio o do mal, a perversão é sempre, queiramos ou não, sinônimo de perversidade. E, sejam quais forem seus aspectos, ela aponta sempre, como antigamente mas por meio de novas metamorfoses, para uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo. (ROUDINESCO, 2005, p.10-11)

A metamorfose que acontece está ligada ao processo de um sujeito, aparentemente, educado, requintado, com assuntos de cunho erudito, se transformasse em um predador vil e cruel. É perceptível a concretização e finalização do ato maléfico, perverso e cruel. Dentro de toda a trajetória de *Henri* é possível enxergar o processo da consolidação da crueldade e do perverso, em alguns casos, algo que beira o demoníaco. Neste sentido, evidencia-se como Rubem Fonseca conseguiu organizar dentro do conto um enredo simples, objetivo, porém, com uma profundidade tão intensa que, em alguns momentos, não se percebe que é de um ser humano que se trata o conto. É inebriante a forma com que o autor proporciona o envolvimento com o conto, e muito peculiar como ele apresenta a crueldade, se é que podemos falar isso, de forma elegante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta análise do conto de Rubem Fonseca, o que salta aos olhos é a pluralidade representativa com a qual o autor expõe a crueldade em sua obra. Há exemplos da ambiguidade e dúvida que provocam o efeito cruel, como há também a crudelíssima exposição da brutalidade de *Henri*. Mesmo nesta fase inicial de Rubem Fonseca, em que sua opção pela narrativa curta poderia sugerir uma simplicidade compositiva, pode-se identificar a crueldade trabalhada com grande riqueza expressiva. Certamente, esta característica é apenas uma dentre todas as constituintes possíveis da obra de Rubem Fonseca,

no entanto, é a célula embrionária que se multiplicará e se desenvolverá em suas obras posteriores e na posteridade literária brasileira em geral.

Assim, é possível reconhecer em *Henri* o caráter laboratorial de sua trajetória, como se Rubem testasse os limites da tolerância para o verossímil, ou a falta desses limites. Desde o início do conto, *Henri* já se mostra narcisista ao admirar-se no espelho em seu quarto, embora se perceba depois que sua relação com a própria imagem tinha um caráter investigativo, de um estudo sobre como melhor projetar esta imagem para aquela a quem pretendia ludibriar. Madame Pascal, a vítima ou, durante a maior parte do conto, o par romântico de *Henri*, não se destaca por características de personalidade, mas sim, por sua representatividade de um extrato social. Ela é uma mulher de meia idade, solteira, estável e estabelecida.

E é justamente sobre esta estabilidade que *Henri* intervém. A crueldade exercida por ele está em sua imprevisibilidade, tanto para a Madame quanto para o leitor, ele a tira do lugar comum de sua estagnada vida ao mesmo tempo em que surpreende o leitor com uma ação cruelmente brutal narrada de modo quase assintomático. No momento em que se esperaria alguma ênfase ou dilatação temporal na narrativa, Rubem Fonseca mantém a naturalidade na cena, como se nem mesmo a respiração de *Henri* se alterasse ao quebrar as cartilagens da garganta de Madame Pascal.

O conto *Henri* é cruel por ser dissimulado em sua sedução, por ser sugestivo e imprevisível. Como também é cruel por ser explícito, por descolar a pele e exibir a carne e o sangue. Por desnudar também a linguagem, tornando-a essencial e crua, sem rodeios ou postergações. Se hoje existem autores que representam a marginalidade social e a violência nela contida, como Férrez, Marcelino Freire e tantos outros, certamente pode-se encontrar em suas “árvores genealógicas” alguns traços do DNA da literatura brutalista de Rubem Fonseca. Foi este escritor mineiro/carioca quem apresentou, com suas

primeiras obras, essa cruel marginalidade à literatura brasileira, mesmo que, ironicamente, o conto *Henri* analisado tenha sido situado em solo francês [provavelmente por uma referência irônica à “terra do amor”].

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *A Literatura e o mal*. Trad. de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BIRMAN, Joel. *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

_____. *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002. CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

DIAS, Ângela Maria, GLENADIEL, Paula. *Estéticas da Crueldade*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

FONSECA, Rubem. *Os Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2009.

FRANÇA, Júlio. *A alma encantadora das ruas e Dentro da noite: João do Rio e o medo urbano na literatura brasileira*. In: _____, GARCÍA, Flavio, PINTO, Marcello de Oliveira. (Orgs.). *As arquiteturas do medo e o insólito ficcional*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2013, p. 66-78.

LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *Literatura, crueldade e produtivismo*. In: DIAS, Ângela Maria,

GLENADIEL, Paula. *Estéticas da Crueldade*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004. p. 39-49.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Sedução e crueldade*. In: DIAS, Ângela Maria, GLENADIEL, Paula. *Estéticas da Crueldade*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004. p. 169- 179.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.

GOMES, Renato Cordeiro. *Narrativa e paroxismo: Será preciso um pouco de sangue verdadeiro para manifestar a crueldade?*. In: DIAS, Ângela Maria, GLENADIEL, Paula. *Estéticas da Crueldade*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004. p. 143-154.

CARDOSO, Fernanda. *Rubem Fonseca: violento, erótico e, sobretudo, solitário*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/r00004.htm>. Acesso em 02/12/2017.

FONSECA, Rubem. Disponível em: https://www.ebiografia.com/rubem_fonseca/. Acesso em 03/12/2017.

Recebido em 08/08/2018.

Aceito em 15/12/2018.